

Acerca dos monumentos funerários da cultura do vaso campaniforme em Portugal

POR

O. da Veiga Ferreira

Dos Serviços Geológicos de Portugal

Numa nota publicada em 1955, fizemos a síntese das culturas eneolíticas que interessavam ao esclarecimento da cultura do vaso campaniforme em Portugal. Nesse trabalho focaram-se e mencionaram-se as estações desta cultura, eliminando-se todas as estações e focos que não apresentavam indícios seguros de pertencerem à civilização campaniforme.

No presente trabalho, que não traz nada de inédito, apenas pretendemos agrupar os monumentos funerários conhecidos e ver se conseguimos interpretar a sua técnica construtiva.

No estado actual dos nossos conhecimentos sobre as sepulturas artificiais da cultura do vaso campaniforme em Portugal, dois tipos de monumentos há a assinalar ⁽¹⁾:

- 1.º — «Thólos», monumentos circulares ou quase, com corredor curto, e por vezes, com pequeno átrio rectangular;

(1) Evidentemente que estamos tratando de sepulturas feitas expressamente pela mão do homem. Deste modo não são incluídas as grutas naturais onde, desde os tempos mais remotos da humanidade, se fizeram enterramentos, por vezes, em massa.

2.º— Grutas artificiais «tipo-coelheira» constituídas por câmara circular, corredor extenso e átrio.

«Thólos e Thóloi»

As designações de «thólos» e «thóloi» bastante nos têm preocupado, pois pensávamos, e até já o escrevêramos, que estas se deveriam só aplicar aos monumentos da Península de Lisboa que encerravam elementos típicos da cultura do vaso campaniforme. Nesta ordem de ideias, consultámos o nosso amigo Dr. Bandeira Ferreira que muito amavelmente estudou o assunto, É deste amigo a seguinte carta sobre tão interessante questão, que com todo o prazer e muitos agradecimentos publicamos:

«Acedendo gostosamente ao seu pedido, aqui venho informá-lo das minhas investigações acerca do vocábulo grego *θόλος*, cuja significação precisa V. deseja conhecer. Nestes últimos dias, consultei as seguintes obras, que merecem toda a confiança: E. Boisacq, *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque...*, Heidelberg-Paris, 2.ª ed., 1923; H. G. Lidell and Robert Scott, *A Greek-English Lexicon*, compiled by..., Oxford, 1948; A. Bailly, *Dictionnaire Grec-Français...*, édition revue par L. Séchan et P. Chantraine, Paris, 1950; e J. B. Hofmann, *Etymologisches Wörterbuch des Griechischen*, München, 1950 (obra que me foi indicada pelo Dr. Justino de Almeida).

Na primeira, a págs. 347, traduz-se *θόλος, -ου (ή)* por «voûte, coupole, rotonde, étouve voûtée» e indicam-se vários vocábulos com ele aparentados, como *θάλαμος, θαλάμη, ὄφ-θαλμός*, gótico *dal* (= vale, depressão, fosso), antigo alto-alemão *tal* (= vale), antigo eslavo *dolu* (= fosso). E. Boisacq acrescenta: «l'idée première doit avoir été «courbure», d'où «convexité» et «concavité».

Em Bailly, lê-se «... édifice en voûte, d'où: 1... voûte, coupole, *bâtie dans la cour, et où l'on conservait les provisions et les*

ustensiles de cuisine, OD[*yssée*], 22, 442, 459, 466 || 2... *particul. à Athènes, la Rotonde, édifice à voûte arrondie où mangeaient les prytanes* PLAT[*on*], Ap[*ologie*], 32 c;... || 3... *étuve voûtée*, ALCIPHR[*on*], 1,23 || ...» (cfr. pág. 940).

No vocabulário de Hofmann, a págs. 116, traduz-se *θόλος* por «Kuppel, Kuppeldach, Rundbau» e relaciona-se com *θάλαμος*, *dal, tal*, etc. Como vê, Hofmann segue Boisacq muito de perto.

Finalmente, Lidell e Scott pouco adiantam, definindo *θόλος* como «round building with conical roof, rotunda» (cfr. vol. I, pág. 803), e citando, a propósito, os passos da *Odisseia* já indicados por Bailly. O interesse da obra reside no número bastante elevado de citações de autores que empregaram o vocábulo em causa.

Bailly e outros registam ainda o adjectivo *θολοειδής*, *ής*, *ές*, (em forma de cúpula, arredondado), e o advérbio *θολοειδώς*, com semelhante significação.

De tudo o que acabo de lhe expor, parece-me que podemos concluir que os significados mais vulgares de *θόλος* são «cúpula», «abóbada», «edifício circular», «edifício circular com um tecto de cúpula», «rotunda».

Quanto ao género, *θόλος*, nas acepções acima indicadas, é sempre feminino. Só muito tardiamente — pelo menos a documentação conhecida data do século II d. C. —, surge como nome masculino (*ὁ θόλος*), mas com um sentido diferente: «bandeau pour la tête» (Bailly, *ob. cit.*, 940, s. v.).

Convém, todavia, notar que *θόλος* deu, em latim, *tholus*, -i, substantivo masculino.

Em suma: se usarmos a forma transliterada directamente do grego, *thólos*, teremos de a considerar feminina: *a thólos*, *as thóloi*. Todavia, se quiséssemos criar o correspondente vocábulo português — *tolu*, com a tónica aberta — ele seria masculino, porque teríamos de o radicar no nome latino citado.

E eis o que se me oferece dizer acerca do assunto. Se dese-

jar mais algum esclarecimento, estarei ao seu dispor. Receba um abraço do camarada (a) F. Bandeira Ferreira.»

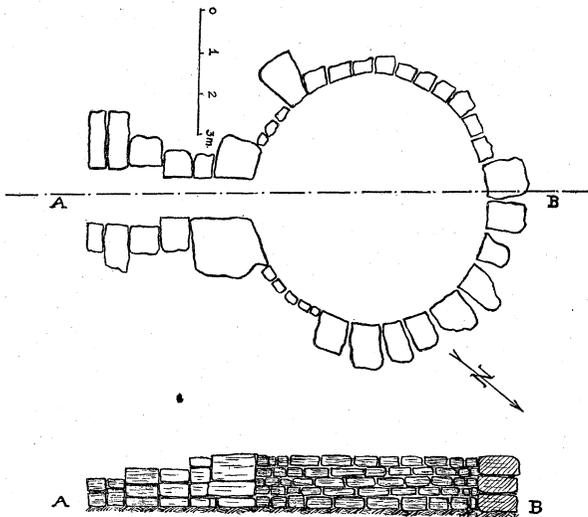
Ora a lição de Bandeira Ferreira, parece não deixar dúvidas quanto ao significado e origem da palavra «thólos» ou «thóloi», ficando apenas de pé a característica construtiva especial dos monumentos que serviram de jazida ao povo do campaniforme.

Apesar dessa designação geral se aplicar a todos os monumentos de falsa cúpula ou cúpula redonda verificamos que as construções que encerram elementos da cultura do vaso campaniforme, têm uma técnica especial. De facto, não só os esquemas em planta são mais proporcionados, como a própria construção é mais cuidada e mais forte. Nestes monumentos não se observam os chamados «aparelhos mistos», isto é, cripta com muro de grossos blocos e galeria com esteios, ou galeria com paredes de delgadas lajes e cripta com esteios até meia altura e muretes de delgadas lajes até fechar, ou ainda, outros elementos, como em Almizaraque. Na realidade, os monumentos com técnica de construção mista do Algarve (Alcalar), Alentejo (Reguengos de Monsaraz, Odivelas e Lousal) e Sul e Sudoeste da Espanha (Almeria, Almizaraque, Huelva, etc.), em nada se assemelham aos da Península de Lisboa que encerram espólio tipológico da cultura do vaso campaniforme. Por vezes, aparece o vaso campaniforme por introdução ou troca, mas os outros elementos da cultura são-lhe estranhos.

As «thóloi» da Península de Lisboa, de técnica construtiva especial, como atrás dissemos, são conhecidos por diversos exemplares em Sintra ou arredores e Torres Vedras. Em Sintra; apontamos os dois desmantelados do Vale de São Martinho; os restos da grande sepultura do Monge (1), e mais para o Sul, o des-

(1) Em tempos escrevêramos que o Monumento do Monge apresentava apenas na cripta a mesma técnica construtiva da do Barro. Rectificamos aqui esta

truído monumento de Agualva. Os de Torres Vedras são três: o da Serra das Mutelas, o gigantesco túmulo do Barro ou do Monte da Pena e o do Cabeço da Arruda. Na explicação da técnica construtiva das «Thóloi» serve de exemplo o admirável túmulo do Barro, em Torres Vedras, salvo de destruição certa há bem pouco tempo. Prestamos aqui homenagem ao Senhor Engenheiro Director-Geral de Minas e Serviços Geológicos, Luís



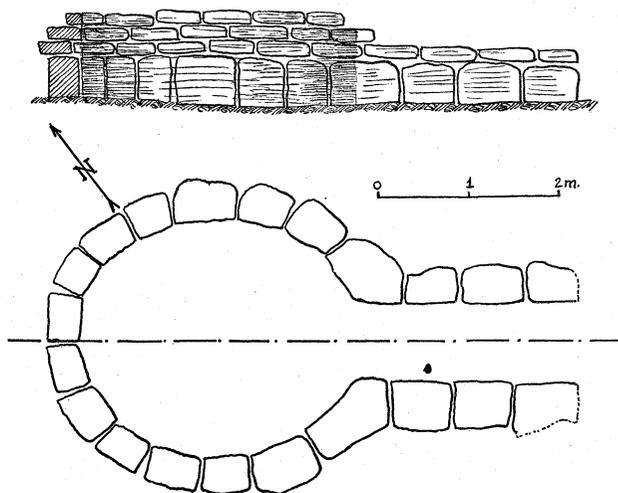
Planta e corte do Monumento do Barro (Torres Vedras).

de Castro e Solla e Senhor Engenheiro-Chefe dos Serviços Geológicos Dom António de Castelo Branco, pela rapidez com que actuaram no sentido de se evitar a perda deste monumento, que seria irreparável e constituiria um crime na arqueologia não só Peninsular, como mundial.

Foi descoberto em 1909 pelo Padre Paulo Bovier e explorado por Félix Alves Pereira. O seu espólio continua inédito e

afirmação dizendo que a galeria não foi nunca explorada e que deve, no entanto, ter a mesma técnica da de monumentos semelhantes.

quase ignorado com grande prejuízo da arqueologia nacional e peninsular. Não compreendemos que assim seja, mas a verdade é que nunca mais ninguém se interessou pelo espólio duma das jazidas mais interessantes da Península (1). O monumento do Barro é um dos maiores e melhor conservados que se conhecem e foi construído com todos os cuidados e conhecimentos dos construtores daquela época. Situado quase no topo duma elevada colina, está orientado no sentido NW-SE e é constituído, em planta, por



Planta e corte do monumento de Agualva (Cacém).

uma gigantesca câmara mortuária cujos diâmetros são respectivamente de 6,10 m, 5,80 m e 5,60 m. Como se vê, a cripta não é circular — protestamos aqui contra o facto de alguns autores terem a tendência de regularizarem os desenhos das plantas dos monumentos pré-históricos. As plantas devem reproduzir o mais

(1) Foi na escavação deste monumento que começou, praticamente, a carreira arqueológica notável do saudoso Padre Jalhay. Sabemos que o Padre Jalhay tentou, por diversas vezes, o estudo e publicação dos materiais deste magnífico monumento pré-histórico sem contudo o conseguir.

fielmente possível o existente, quando da exploração. O corredor é curto e estreito, em relação a tão grande câmara, servido por um átrio rectangular de regulares dimensões. À entrada da câmara, o corredor atinge actualmente 1,05 m de altura. Na câmara, a altura observada foi de 1,21 m.

Todos estes monumentos portugueses apresentam mais ou menos a mesma técnica construtiva. Servir-nos-emos em todos os detalhes que mencionarmos do monumento do Barro, por ser o de maiores dimensões, e o melhor conservado. Assim, começaremos pela cripta. Esta é constituída actualmente por seis fiadas de grossos blocos, sendo os das duas fiadas superiores de grandes dimensões. A largura, nos que estão pela parte superior, chega a ir a mais dum metro. Todas as fiadas têm um avanço, umas sobre as outras, para o interior da cripta, de modo, a fechá-la progressivamente fazendo uma falsa cúpula. Compreende-se que esta falsa cúpula seria muito elevada atendendo ao grande diâmetro que possui.

Os dois blocos da entrada da câmara são de grandes dimensões; os do átrio, conquanto mais pequenos que estes, são também muito grandes. Na cripta pode-se observar que a disposição das fiadas não é a mesma, pois as juntas estão desencontradas e os espaços maiores ou as irregularidades foram preenchidos com pequenas cunhas ou calços de pedra.

Nalguns pontos, como por exemplo no lado esquerdo da cripta, quando se entra nesta, a parede é de tal forma bem feita que nos parece ter sido executada por um pedreiro dos nossos dias. Noutros monumentos, como o de Agualva, a primeira fiada, a da base, é constituída por grossos blocos assentando sobre esta regularmente as fiadas superiores constituídas por lajes muito mais delgadas. Alguns autores têm confundido monumentos um pouco semelhantes com estes; por exemplo, as sepulturas de Alcalar, Almeria, Almizaraque, etc., mas em nosso entender, e

sobretudo depois de termos observado com cuidado a técnica construtiva e exame do respectivo espólio, não pode haver identidade. Os sepulcros de Alcalar, por exemplo, apresentam, quer no esquema arquitectónico, quer na técnica de construção, uma concepção e materiais completamente diversos. Os de tipo Almeiriense são monumentos mistos, quer dizer, normalmente a cripta é constituída por 15 a 19 esteios de 1,00 m e 1,50 m de altura e de pouca espessura, todos mais ou menos das mesmas dimensões e sobre estes esteios foi feita uma falsa cúpula com pequenas lajes de calcário ou de xisto. Normalmente também estes monumentos têm grandes galerias com portas do tipo dois hasteais e chapéu de grossos blocos de calcário ou grés.

Na cultura de Almizaraque, nalguns dos sepulcros, a cripta era coberta com um telhado de colmo com madeiramento semelhante ao dos fundos de cabana da mesma época. Parece não haver dúvidas, que os monumentos da Península de Lisboa, têm um cunho próprio, e o mais curioso, é que todos encerram um espólio marcadamente da cultura do vaso campaniforme.

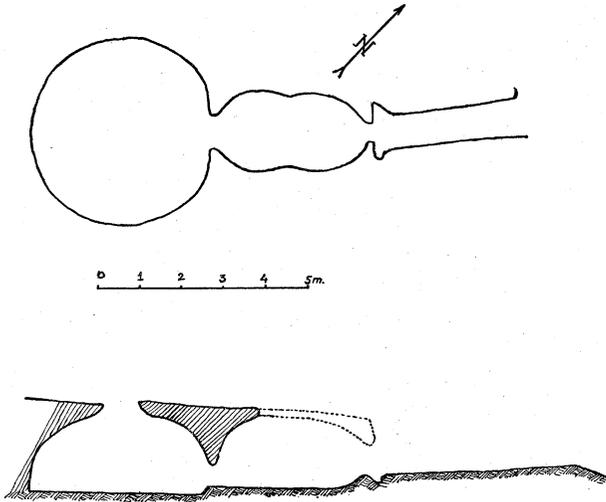
Grutas artificiais

Estes monumentos são conhecidos na Península de Lisboa e de Setúbal. Na região de Lisboa existem as grutas do Tojal de Vila Chã (Carenque), as da Alapraia, as de S. Pedro do Estoril e a da Ermegeira (Torres Vedras) (1). Na Península de Setúbal,

(1) Na Estremadura, nas áreas de Torres Vedras, Pernes e Torres Novas, existem muitos restos de grutas chamadas na região «Lapas» e que parecem ter sido também escavadas pelo homem. Porém, o seu estado de destruição é grande. Uma, pelo menos, foi escavada pelo homem, como as suas congéneres acima apontadas. Situa-se na propriedade do antigo conservador do Museu dos Serviços Geológicos, Sr. Romão de Matos, na Ribeira Branca — Torres Novas, e deu um ídolo cilíndrico de calcário.

mencionamos as grutas da Quinta do Anjo ou Casal do Pardo (Palmela), as da Serra de S. Luís e as dos Capuchos.

As grutas artificiais são monumentos funerários de cunho especial, espécie de hipogeus escavados na rocha branda (quer calcários ou grés do Cretácico, quer calcários do Terciário),

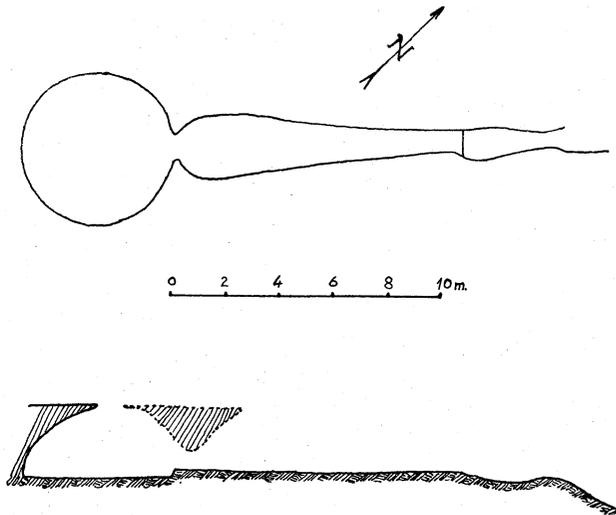


Planta e corte da Gruta n.º 2 de Palmela.

apresentam em planta o mesmo dispositivo das «Thólos», isto é, cripta, corredor e átrio.

A cripta bem circular chega a atingir, por vezes, os 4,50 m de diâmetro por 2,00 m de altura no meio, onde se encontra a clarabóia, buraco circular situado no eixo da cripta que ordinariamente era tapado com uma grossa laje. A galeria, por vezes, de grande comprimento, é baixa e escavada em forma de túnel. O átrio é um pouco mais largo que a galeria e de pequenas dimensões. A entrada da galeria para a cripta fazia-se por meio dum buraco ovalado ou em forma de arco de volta inteira. Em nenhuma das grutas conhecidas se observa o modo de pas-

sagem do átrio ao corredor, subentendendo-se que à imitação das «thólos» e monumentos da cultura megalítica deveria ter existido uma porta a separar os dois compartimentos. As grutas artificiais são monumentos que, quer pela concepção, quer pelo engenho, traduzem já um adiantado estado de civilização e não nos repugna nada a ideia de que a sua origem ou pelo menos a sua influência tenha vindo do vale do Nilo. Note-se que o facto de se terem encontrado monumentos deste tipo ou semelhantes na



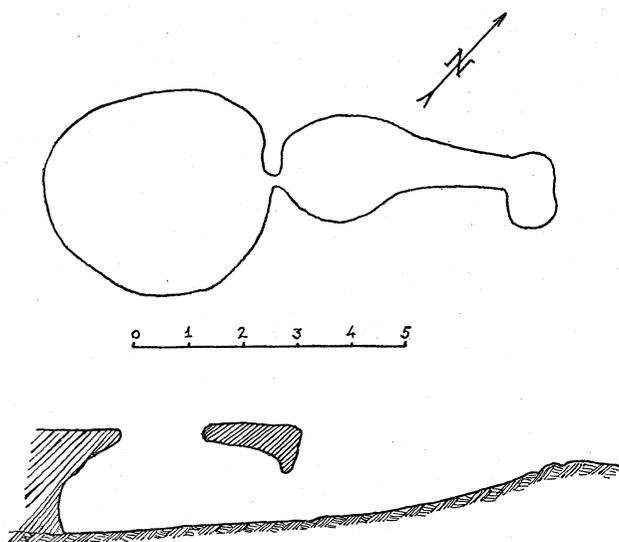
Planta e corte da Gruta n.º 1 de Alapraia.

Sicília e em Itália não quer dizer que tenham vindo do Oriente ou da Europa Oriental. É mais lógico que o conhecimento profundo da arquitectura tumular egípcia conhecida cerca de 1.500 anos antes da época destas grutas, tenha influenciado por qualquer modo subsequentemente a construção destas.

As relações comerciais dos povos da Bacia mediterrânica são tão antigas, pelo menos, como o aproveitamento dos minérios de cobre e estanho, e sabe-se perfeitamente, que o Egipto lançou-se para fora do Nilo, pelo Mediterrâneo, em procura do

metal branco (estanho) que não possuía e, sem o qual, nunca poderia ter feito a sua maravilhosa instrumentagem e demais objectos de bronze, que hoje se conhecem por milhares de peças, provenientes dos seus gigantescos e inexcedíveis monumentos do Vale dos Reis.

É essa, em nosso entender, a explicação para muitos factos considerados estranhos na nossa arqueologia pré-histórica, sobre-



Planta e corte da Gruta II de Carenque.

tudo na civilização do vaso campaniforme. Estamos convencidos que o vaso campaniforme nasceu na Península, mas também estamos de acordo que recebeu e transmitiu influências, que vão desde a simples forma e ornatos do dito vaso, até o tipo de sepultura e demais objectos que se encontram nesta estranha civilização.

De todas as nossas grutas conhecidas escolhemos para modelo de descrição a sepultura n.º 1 de Carenque por ser a mais completa e estar melhor conservada. É talhada no calcário

brando do Cenomaniano, assentada cretácica, que constitui a encosta onde foi aberta. Orientada quase N-S, o que é raro nestes monumentos e nesta época, é constituída em planta por cripta circular, grande corredor e por um átrio destruído parcialmente. Foi justamente este átrio, que foi cortado quando da abertura dum caminho para as camionetas, que deu origem à descoberta desta gruta e das outras que compõem a necrópole. A cripta é circular e tem de diâmetro 3,00 m. A galeria é aberta na rocha e deveria ser tapada com lajes, assim como o átrio. A abertura de comunicação entre a cripta e a galeria é oval. Todo o conjunto tem o solo inclinado do átrio para a cripta.

Estamos convencidos que estes monumentos, tanto «thólos» como grutas artificiais, estavam inclusos em gigantescas mamoadas. Observando com cuidado o corte do caminho que passa à beira do monumento do Barro, vê-se que a trincheira é constituída por uma formação de encosta, que só poderia ter sido feita quando do amontoado de pedras e terras aí colocadas para servirem de cobertura ao gigantesco monumento funerário. Nas grutas artificiais nada se observa hoje de mamoadas, mas a explicação é simples; são sepulturas cavadas na rocha que aflora quase sempre em grande extensão nas encostas ou em pequenos cabeços. Compreende-se que no decorrer destes quatro milénios, mesmo que a mamoadas fosse muito grande, nada poderia resistir à erosão e ao carreamento pelas águas na encosta.

A técnica de escavar estes hipogeus é muito curiosa. Que conhecimentos mineiros já tinham estes povos ou povo, para conhecerem por simples prospecção superficial se a rocha era branda em profundidade, ou se havia ou não diáclases, filões ou falhas que lhe permitissem abrir com mais facilidade uma galeria. Não há dúvida que conheciam bem o que faziam, pois a rocha foi toda ela atacada a picão (machado de pedra muito dura, ou de cobre batido por martelagem, não fundido). Em qualquer

destas grutas podem-se ver distintamente os golpes deixados pelo instrumento destes autênticos mineiros da antiguidade. É de estranhar, também, a perfeição duma obra destas, sabendo-se que a civilização deste povo, embora florescente para a época, era ainda bastante rude.

Quanto tempo não deveria a fazer uma obra destas com tão fraco material de ataque?

Conclusões

A citação dos dois tipos fundamentais de monumentos funerários da cultura do vaso campaniforme em Portugal e a descrição deles, afigurou-se-nos necessária, pois cada um destes tipos de sepultura encerra sempre um conjunto tipológico especial que caracteriza a civilização do vaso campaniforme.

Parece-nos que não haverá dúvidas quanto à futura designação de «thólos» quando se tratar de monumentos com técnica construtiva semelhante, mas que encerrem elementos tipológicos do campaniforme, e não doutras culturas como Los Millares, Almizaraque ou Alcalar.

É de ponderar a circunstância curiosa de em todas estas sepulturas, quer «thólos», que grutas artificiais, se encontrarem sempre elementos daquela cultura. Qual o motivo desta determinação? Parece também não haver dúvidas que o campaniforme nasceu no centro da Península, por derivação da chamada cultura das covas, mas sendo assim, só muito tarde nos aparecem aqueles tipos de monumentos. A cultura do vaso campaniforme nasceu, portanto, em Espanha, deveria ter-se expandido, em primeiro lugar para a Europa Oriental e civilizações do Médio Oriente, e em segundo lugar para o Ocidente da Península e Norte de África. Os partidários do orientalismo do vaso campaniforme, esquecem um pormenor importantíssimo ligado a esta cultura, e que nós

mineiros e peninsulares pensamos ser a razão primordial da sua criação e expansão. Esse pormenor esquecido por esses sábios, reside na importância dos minérios de cobre e de estanho da Península.

A nossa Península foi sempre rica em jazidas de cobre e de estanho. O cobre situa-se principalmente ao Sul, e o estanho ao Norte, sobretudo na parte ocidental, isto é, Galiza e Norte de Portugal. Como é sabido é com a civilização do vaso campaniforme que começa a desenvolver-se a metalurgia do cobre. Esses instrumentos tiveram a sua origem no centro da Península, e não no Oriente ou Médio Oriente como muitos autores pretendem. O cobre na Europa Oriental e Médio Oriente nunca foi abundante, razão porque bem cedo esses povos começaram as suas navegações para as paragens ocidentais. Deveriam ter conhecimento dos instrumentos aqui fabricados e da abundância desse precioso metal, que martelado atingia dura têmpera e finos gumes. Começarem então os intercâmbios e influências culturais de parte a parte. Da Europa Oriental e Médio Oriente passou-se ao Norte de África, onde os Egípcios, logo que conheceram a técnica da metalurgia do cobre, começaram a explorar e a trabalhar os seus ricos jazigos. As influências directas do Egipto com a Península, vêm em seguida com a fabricação do Bronze, para o qual lhes fazia falta o estanho que não possuíam e que, como ainda hoje, era abundantíssimo na Península.

Datam desta época, isto é, da expansão dos nossos metais, a introdução entre nós, das calaítas e pedras raras, do marfim e das sementes exóticas, que começaram a ser cultivadas aqui.

Outro assunto que não devemos esquecer, e que é também de grande importância, são os fenómenos culturais de convergência. Não devemos cegamente acreditar, à primeira vista, em influências desta ou daquela civilização, pelo facto de encontrarmos, numa dada cultura, elementos de culturas longínquas.

É certo, que no caso da civilização do vaso campaniforme, existem elementos vários que ajudam a sustentar a hipótese de trocas e intercâmbios com civilizações de paragens afastadas, mas só pelo vaso campaniforme não podemos tirar conclusões seguras. Há sempre a necessidade de observar um grande conjunto tipológico, sistema de jazida e, por vezes, quando possível, estudar o material antropológico.

BIBLIOGRAFIA

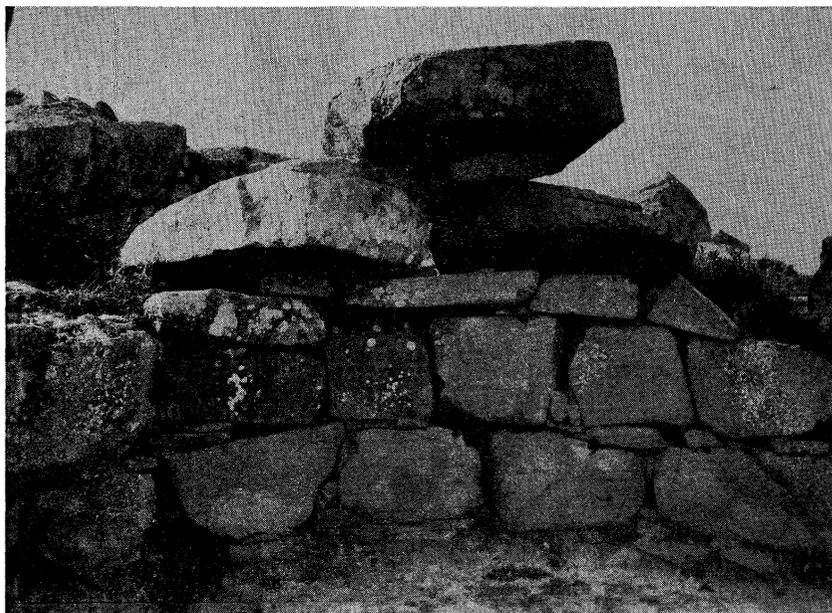
- ALVES PEREIRA, F. — 1909 — O monumento do Monte da Pena (Torres Vedras). *Arch. Port.*, vol. XIV, Lisboa.
- APOLINÁRIO, MAXIMIANO — 1896 — Necrópole neolítica do Vale de S. Martinho. *Arch. Port.*, vol. II, Lisboa.
- BELCHIOR DA CRUZ — 1904 — As grutas de Palmella. *Bol. Soc. Arch. Santos Rocha*, n.º 1, Figueira da Foz.
- CORREIA, VERGILIO — 1914 — A exploração arqueológica da Serra das Mutelas (Torres Vedras). *Arch. Port.*, vol. XIX, pág. 264, Lisboa.
- ESTÁCIO DA VEIGA, J. F. M. — 1886 — Antiguidades monumentaes do Algarve, Lisboa.
- FRITZ NETOLITZKI — 1935 — Kulturpflanzen und Holzrest dem prohistorischen Spanien und Portugal. *Bul. Fac. de Stiinte din Cernăuți*, vol. IX.
- HELENO, M. — 1933 — Grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque). *Com. Cong. Luso-Esp. Prog. Ciências*, 1932, Lisboa.
- HELENO, M. — 1942 — A gruta artificial da Ermegeira (Torres Vedras). *Ethnos*, vol. II, Lisboa.
- JALHAY, E. — 1936 — A cerâmica eneolítica de Alapraia e a cultura do vaso campaniforme. *Brotéria*, vol. XXIII, fasc. 5, Lisboa.
- JALHAY, E. — 1943 — O castro eneolítico de Vila Nova de S. Pedro e as suas relações com o Norte Africano e Mediterrâneo Oriental. *Cong. da Assoc. Port. para o Prog. das Ciências*, 1942, t. VIII, Porto.
- LEISNER, G. e VERA — 1943 — Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Berlin.
- LEISNER, G. e VERA — 1951 — Antas do Concelho de Reguengo de Monsaraz — Materiais para o estudo da cultura megalítica em Portugal. Lisboa.

- MARQUES DA COSTA, A. J. — 1907, 1908 e 1910 — Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. *Arch. Port.*, vols. XII, XIII, XV, Lisboa.
- PAÇO, A. DO e ARTUR M.^a LOURDES — 1953 — Castro de Vila Nova de S. Pedro. IV — Sementes pré-históricas de linho. *Arch. de Préh. Levantina*, vol. IV, Valência.
- PAÇO, A. DO e JALHAY, E. — 1941 — A gruta II da necrópole de Alapraia. *Anais da Academia Portuguesa de Hist.*, vol. IV, Lisboa.
- SANTA OLALLA, J. M. — 1946 — Cereales y plantas de la cultura ibero-sahariana en Almizaraque (Almería). *Cuadernos de História Primitiva*, ano I, n.º 1, Madrid.
- SANTOS ROCHA, A. DOS — 1904 — Dolmens de Alcalar. *Bol. Soc. Arch. Santos Rocha*, n.º 1, Figueira da Foz.
- VEIGA FERREIRA, O. DA e RODRIGUES CAVACO, A. — 1952 — O monumento pré-histórico do Lousal (Grândola). *Com. Serv. Geol. de Portugal*, t. XXXIII.
- VEIGA FERREIRA, O. DA — 1955 — Acerca da cultura do vaso campaniforme em Portugal. *Trab. Antrop. e Etnol.*, vol. XV, fasc. 1, Porto.
- VEIGA FERREIRA, O. DA e TRINDADE, L. — 1954 — La necropole de Cabeço da Arruda (Torres Vedras). *Com. Cong. Int. Ciênc. Pré e Prohistóricas*, Madrid, 1954.
- VEIGA FERREIRA, O. DA — 1953 — O monumento pré-histórico de Aqualva (Cacém). *Zephyrus*, IV, Salamanca.
- VIANA, ABEL — O monumento megalítico da Folha da Amendoeira (Odivelas do Alentejo). *Zephyrus*, IV, Salamanca.
- VIANA, ABEL, FORMOSINHO, J. e VEIGA FERREIRA, O. DA — 1953 — Algumas notas sobre o Bronze mediterrânico do Museu Regional de Lagos. *Zephyrus*, IV, Salamanca.



1 — Vista geral da «thólos» do Monge (Sintra).

Foto de G. Zbyszewski.



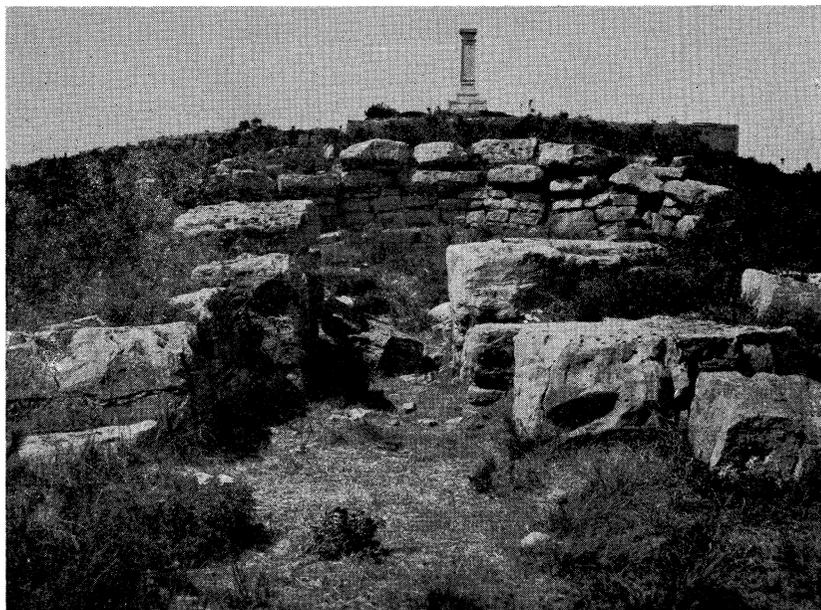
2 — Pormenor do aparelho da cripta no mesmo monumento.

Foto de G. e Vera Leisner.



3 — Estado actual da «thólos» do Barro (Torres Vedras)
visto da cripta para a galeria.

Foto do autor.



4 — Vista do mesmo monumento da entrada do átrio.
Vê-se bem o aparelho da cripta.

Foto de G. e Vera Leisner.



5 — As dismanteladas «thóloi» de S. Martinho (Sintra).



6 — Gruta I de Alapraia.

Foto de G. Zbyszewski.



7 — Gruta III de Carenque.

Seg. M. Heleno.

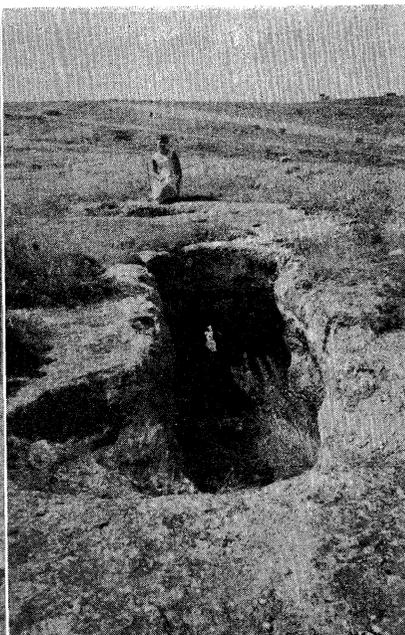


8 — Gruta II de Carenque. Entrada da cripta

Foto do autor.



9 — Gruta IV de Alapraia. Galeria e entrada para a cripta.



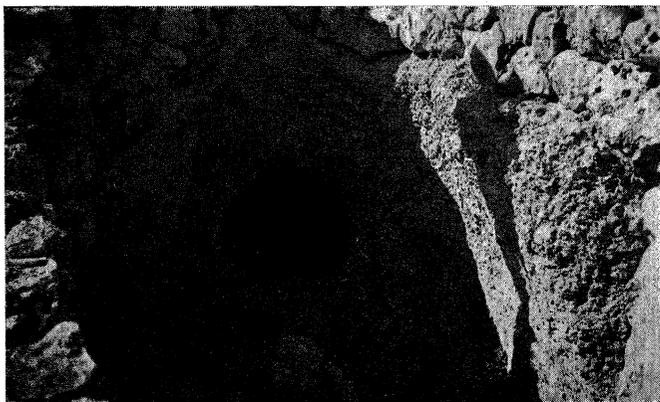
10 — Gruta II de Carenque no seu estado actual.

Fotos do autor.



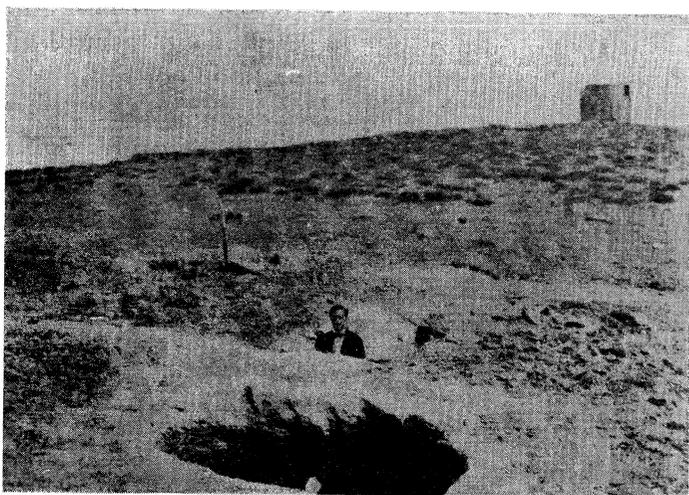
11 -- Gruta I de Palmela.

Foto de G. Zbyszewski.



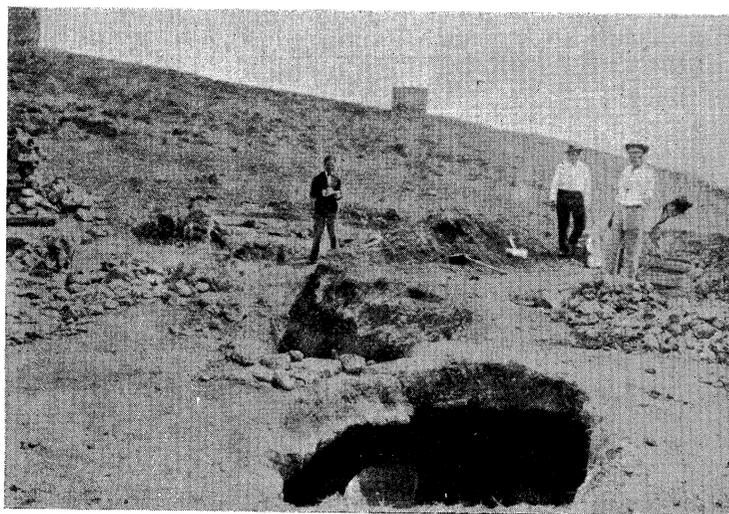
12 -- Gruta II de Alapraia. Entrada para a cripta.

Foto do autor.



13 — Gruta II de Carenque.

Seg. M. Heleno.



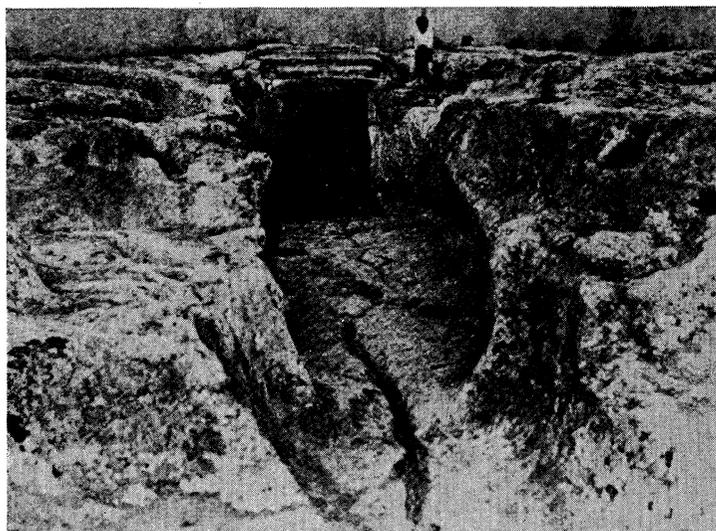
14 — Gruta III de Carenque.

Seg. M. Heleno.



15 — Gruta I de Carenque.

Seg. M. Heleno.



16 — Gruta I de Alapraia no seu estado actual.

Seg. E. Jalhay.